



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9292 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT19 - Educação Matemática

NARRATIVAS DE ESTUDANTES SOBRE PRÁTICAS CURRRICULARES MATEMÁTICAS E PERMANÊNCIA NA EJA DA ZONA RURAL DO CEARÁ

Francisco Josimar Ricardo Xavier - UFF - Universidade Federal Fluminense

Adriano Vargas Freitas - UFF - Universidade Federal Fluminense

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

NARRATIVAS DE ESTUDANTES SOBRE PRÁTICAS CURRRICULARES MATEMÁTICAS E PERMANÊNCIA NA EJA DA ZONA RURAL DO CEARÁ

Resumo

Neste artigo discutimos a influência que as práticas curriculares matemáticas de professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) exerce sobre as permanências dos estudantes na escola. Para isso, trazemos narrativas de duas estudantes da EJA, cujos materiais foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva. Os resultados apontam que os saberes matemáticos das estudantes são construídos em atividades ligadas ao manuseio da palha de carnaubeira. Elas entendem estes saberes como diferentes dos apresentados na escola, e sinalizam que o desejo de aprender “as conta”, a “matemática de caneta”, é o que as move permanecerem na EJA. Esse desejo é alimentado, sobretudo, pelas maneiras que as professoras ensinam Matemática. Concluímos, destacando que as práticas curriculares matemáticas das professoras influenciam nas permanências das estudantes na EJA da zona rural.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Práticas curriculares matemáticas. Permanência.

Sobre o terreno da pesquisa

No Brasil, com promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação, o acesso e a permanência escolar foram reconhecidos como direitos de todos os brasileiros. Entretanto, só no início dos anos 2000 é que os estudos sobre essas temáticas ganham expressividade. Carmo e Carmo (2014) apontam que, até então, as pesquisas preocupavam-se em discutir os fatores da evasão dos estudantes, em detrimento de suas permanências na escola. Tais autores indicam um aumento de estudos que investigam a permanência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de 2003, contudo, há uma concentração deles em espaços das regiões

Sul e Sudeste brasileiras.

Em se tratando da Matemática na EJA, Fonseca (2012) aponta que alguns estudos ainda têm apresentado uma perspectiva negativa dos estudantes em relação a essa disciplina, enfatizando-a, inclusive, como uma causa da evasão escolar. Essa autora destaca que uma possível repulsa dos estudantes à Matemática não está na disciplina em si, mas, às práticas dos professores. Dialogamos com a percepção de Fonseca (2012), mas a ampliamos, indicando que é preciso compreender as questões políticas e curriculares que estão por trás dessas práticas e dos contextos de formação inicial e continuada dos professores.

Tomados por essas reflexões e experiências como professores da EJA, construímos, entre os anos 2017 e 2019, uma pesquisa de Mestrado em Educação que discutiu sobre a permanência dos estudantes da zona rural do Ceará. Diante das discussões nela encaminhadas, para este artigo, elaboramos a problemática: Quais as influências das práticas curriculares matemáticas sobre a permanência de estudantes da EJA da zona rural do Ceará?

Práticas curriculares matemáticas e permanência na EJA

Em nossos estudos dialogamos com currículos, no plural, entendendo-os como “uma prática de enunciação que se dá na interação entre os sujeitos, entre professores, alunos e saberes” (RIBEIRO; CRAVEIRO, 2017, p. 65) que transitam nos espaços educativos. Essa perspectiva nos encaminha ao entendimento de que as ações dos professores, que inclui pensar, elaborar, executar, avaliar e refletir criticamente sobre suas aulas são práticas curriculares, pois, encontram-se nas complexidades dos espaços educativos. Em nossa pesquisa discutimos sobre as práticas elaboradas nas aulas de Matemática na EJA, razão pela qual, tratamos de práticas curriculares matemáticas.

No que tange à permanência, partimos da compreensão de que os estudantes da EJA têm motivações para estar na escola que são específicas às suas condições humana e de possibilidades de transformação de suas vidas. Reis (2016) aponta que a transformação está relacionada à trajetória escolar que o estudante desenvolverá ao longo de sua vida e, “depende, sobretudo, das condições para efetivação dessa trajetória” (p. 75). Analisamos que essas transformações são possibilitadas também pelo sentimento de pertencimento dos estudantes à escola. Isso nos leva a discutir neste artigo, a permanência sob o sentido de pertencimento, em diálogo com o “caráter de existir em constante fazer e, desse modo, ser sempre transformação” (REIS, 2016, p. 74).

Percurso metodológico e sujeitos da pesquisa

Encaminhamos nossas discussões a partir das narrativas de estudantes da EJA, captadas em entrevistas realizadas em 2018. Entendemos entrevistas como um instrumento de pesquisa em que um pesquisador dialoga com um sujeito, a fim de captar respostas ao interesse de seu estudo (GIL, 2008).

O material das entrevistas foi analisado por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) proposto por Moraes e Galiazzi (2016). Estes autores destacam que, em uma ATD, os materiais de pesquisa precisam passar pelos processos de “desconstrução dos textos do ‘corpus’, a unitarização; o estabelecimento de relação entre os elementos unitários, a categorização; o captar o novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 34).

Em nossas análises, selecionamos palavras e trechos das narrativas, e as organizamos nos grupos: “saberes matemáticos” e “permanência”. Nesta organização, captamos que as estudantes se referiam aos tipos de atividades, às professoras em si e ao ensino de Matemática, o que culminou no grupo “práticas curriculares matemáticas”. As leituras dos materiais resultaram texto da seção “Saberes matemáticos e motivações das permanências das estudantes na EJA”.

As estudantes, de nomes fictícios “Estrela” e “Lua”, são moradoras de um distrito da zona rural do Ceará. Estrela tem 48 anos de idade, considera-se mulher, parda, encontra-se casada, é mãe de três filhos e trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais, durante o dia, na escola em que estuda. Lua tem 55 anos de idade, considera-se mulher, parda, encontra-se solteira, é mais de dois filhos e encontra-se aposentada. Desde crianças elas lidam com atividades ligadas ao manuseio da palha da carnaubeira e há mais de cinco anos frequentam a EJA em uma escola pública municipal de ensino fundamental.

Saberes matemáticos e motivações das permanências das estudantes na EJA

Os encontros realizados com as estudantes ocorreram em suas casas, em momentos e dias distintos. Nas ocasiões, estabelecemos uma relação amigável, de modo que as entrevistas ocorressem de forma mais natural possível. Seguindo nosso roteiro, perguntamos às mesmas: Como a matemática está presente na sua vida e na escola? Com Estrela obtivemos a narrativa:

Estrela: - Você vai falar de matemática é? Nada de matemática eu entendo não. Assim, a matemática de caneta, você tá perguntando?

Pesquisador: - Existe outra matemática?

Estrela: - Ah! Sei só de cabeça. Antes de eu estudar já sabia.

Pesquisador: - Explica como você sabe disso?

Estrela: - Sei lá, eu acho que é de mim, de cabeça mesmo. Antes eu trabalhava com meu pai. Eu trabalhava com prensa de carnaúba. Meu pai trabalhava com cera né e era tudo anotado, pesado e tudo. Era pesar na balança. Botava cinco sacos de cera, aí ele ia somando.

Pesquisador: - E como você sabia o peso dos sacos?

Estrela: - Na cabeça eu sabia, na soma não, por que quem ia somar era o dono da cera.

Pesquisador: - Como era essa soma na cabeça?

Estrela: - É assim ó, pois bem, pesasse cinco saca, dava 130, aí pesava de novo, dava 150, pesava de novo, dava 200, aí eu ia olhando, e só na cabeça dava pra somar bem direitinho.

As perguntas dadas como respostas pela estudante nos mostraram que seus saberes não necessariamente estariam ligados à matemática. É possível que as palavras “matemática” e “escola”, apresentadas na pergunta, tenham feito buscar, em sua memória, as lembranças da escola, que remontam conteúdos curriculares e às práticas de professores.

Explicando uma relação da matemática com o trabalho da cera de carnaúba, Estrela diz: “pesasse cinco saca, dava 130, aí pesava de novo, dava 150, pesava de novo dava 200, aí eu ia olhando só na cabeça dava pra somar bem direitinho”. Compreendemos que esse saber pode ser entendido como matemático, entretanto, não se reduz ao domínio de “noções matemáticas que foram aprendidas de maneira informal ou intuitiva” (BRASIL, 2002, p. 100). Trata-se de um saber carregado de sentidos inerentes às condições sociais de Estrela, sendo mesmo estratégias de suas sobrevivências no mundo.

Para a mesma pergunta, obtivemos a seguinte narrativa com Lua:

Lua: - Ah! Eu sei fazer conta de cabeça. Assim, depende né, às vezes tem

conta que dá pra saber. O meu chapéu mesmo que eu faço eu sei o dinheiro que eu faço, da pra mim entender.

Pesquisador: - Como é que você sabe?

Lua: - Ora, sabendo. Pela quantidade de chapéu, pelo dinheiro.

Pesquisador: - Como é esse “pelo dinheiro”?

Lua: - Assim, se for dez capa, é tanto. A gente sabe. Se eu for vender, eu entrego a mulher e eu já sei o tanto que eu já vou receber. Se eu entregar cinco capa, dá dois e dez. Dez capa a dois reais dava vinte reais. Ai tem os dez de cá e sobrava dez.

Pesquisador: - Esse tipo de conta existe na escola?

Lua: - Ah bom, ai você não me explicou né? É sobre a conta né? Se você tivesse me dito eu tinha falado. Eu falei do chapéu.

A resposta de Lua, assim como de Estrela, nos leva a entender que seus saberes estão ligados às suas vivências de mulheres trabalhadoras, estando para além do que entendemos ser como matemáticos. Quando Lua diz: “Ah bom, ai você não me explicou né? É sobre a conta né? Se você tivesse me dito eu tinha falado. Eu falei do chapéu”, nos sinaliza que ela compreende como diferente as contas que faz na venda de chapéus, das apresentadas na escola. Contudo, quando diz, “É sobre a conta né?” percebemos haver uma aproximação “da conta” à Matemática escolar.

As estudantes realizam contas de cabeça que constituem as suas matemáticas “de cabeça” e “do chapéu”, os seus saberes. São estes, não apenas “conhecimentos prévios” (BRASIL, 2002, p. 15), mas, as suas próprias experiências. Analisamos que trazer esses saberes como objeto de ensino é um desafio aos professores, posto que, ainda se valoriza a exposição dos conteúdos. Entretanto, se os espaços de formação, em especial, o acadêmico, que encaminha a formação inicial dos professores, tomassem tais saberes como objetos de estudos, destacando as suas potencialidades, é possível que os professores construíssem práticas curriculares matemáticas subvertendo a lógica conteudista.

O sentido de permanência interpretado nas narrativas das estudantes partiu da pergunta: O que motiva você a estar na sala de aula da EJA? Estrela nos respondeu:

É que eu quero aprender mais, na caneta. A professora é gente boa, mas ainda não começou as aulas né. Mas qualquer professor eu vou, tem esse negócio comigo não. Basta ter professor. Pra ter aula precisa ter a professora, ai quando chegar o dia eu vou de novo. Por causa que eu gosto é do ensino dela. E lá a gente conversa, tem as vivências, tem os dever, as meninas, a Fulana, as outras.

Ao declarar estar na escola “que eu quero aprender mais, na caneta”, compreendemos que Estrela busca aprender os saberes escolares, a matemática “de caneta” anteriormente citada. Esta compreensão é percebida pela referência que ela faz à “professora” e ao “ensino”. Ao finalizar dizendo “E lá a gente conversa, tem as vivências, tem os dever, as meninas, a Fulana, as outras”, percebemos existir uma relação positiva entre Estrela e seus pares na sala de aula, encaminhando uma permanência na EJA ligada ao sentimento de pertencimento.

Para a mesma pergunta, Lua nos respondeu:

Lua: - Ah, por que eu aprendi mais. Tinha atividade. A professora mandava fazer a família, o bê com á, ai ela mandava fazer, eu juntava as palavras. Uma coisa que eu não sabia. E as continhas que ela fazia, aqui e acolá eu destrinchava alguma.

Pesquisador: - Era difícil essas contas?

Lua: - Não. Não era muito difícil não. Ela passava mais no caderno e na folha, por que a lousa não prestava, e às vezes ia só os outros pra lousa, pra explicar.

Pesquisador: - Como era esse dever do caderno?

Lua: - Ela escrevia, dizia como era pra gente fazer.

Pesquisador: - E você gostava de estudar na EJA?

Lua: - Eu gosto né. Onde eu não sou bem recebida eu não fico!

No diálogo com Lua entendemos que ela compreende uma contribuição dos estudos na EJA para sua vida, pois, aprendeu a ler, escrever e a fazer “as continhas”, além de explicitar a prática curricular matemática de sua professora. Ao dizer: “Ela passava mais no caderno e na folha, por que a lousa não prestava, e às vezes ia só os outros pra lousa, pra explicar”, analisamos que a docente trabalhava com diferentes estratégias didáticas nas aulas de Matemática. Ao informar gostar de estudar na EJA, analisamos que esse “gostar” de Lua indica que sua permanência no ambiente escolar, assim como de Estrela, imbrica-se ao sentimento de pertencimento à escola (REIS, 2016).

As narrativas das estudantes encaminham o destaque de que suas professoras constroem práticas curriculares matemáticas com vista a dar conta dos conteúdos. Essas práticas, somadas às relações de afetividades, criadas nas vivências em sala de aula, influenciam nas permanências das estudantes na EJA.

Algumas considerações

As narrativas indicam que são os saberes matemáticos escolares que Estrela e Lua buscam aprender na EJA. É a matemática “da caneta”, “de conta”, do ensino da professora. Destacamos que tais saberes podem ser ensinados a partir das experiências das estudantes, mas, isso ainda se mostra um desafio aos professores, e mesmo aos cursos de formação inicial de formação docente. Em termos gerais, as práticas pedagógicas curriculares matemáticas das professoras de EJA de Estrela e Lua, estruturadas em uma lógica de dar conta dos conteúdos escolares, exercem influências na permanência das estudantes na escola.

Referências

BRASIL. **Proposta Curricular para a EJA: Segundo Segmento. Ensino Fundamental**, Brasília. Ministério da Educação e Cultura, 2002.

CARMO, G. T.; CARMO, C. T. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil, **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, n. 63, 2014.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 3 ed. rev. ampl. Ijuí: Unijuí, 2016.

REIS, D. B. O significado de permanência: explorando possibilidades a partir de Kant. In: CARMO, G. T. do (org.). **Sentido da permanência na educação de jovens e adultos: anúncio de uma construção coletiva**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016, p. 73–92.

RIBEIRO, W. G.; CRAVEIRO, C. B. Precisamos de uma Base Nacional Comum Curricular? **Linhas Críticas**, Brasília, v.23, n.50, p. 5-69, 2017.